



Poemas da Língua Portuguesa

Poemas - Romantismo
"Mulher"

*Para todos nossos familiares e amigos
Pessoas maravilhosas, amigos maravilhosos*

Por que ler, hoje, poemas do século XIX?

Os Poemas do século XIX são vistos como "um ato de brasilidade", pois abandonaram aos poucos o tom lusitano em favor da fala brasileira, ressaltando o nacionalismo. A literatura nesse período expressa sua ligação com a política e com o Romantismo, os sentimentos começam a tomar o lugar da razão como instrumento de análise do mundo, e a vida passa a ser encarada de um ângulo bem pessoal, em que sobressai um intenso desejo de liberdade. Essa ânsia de libertação que nasce no interior do poeta, em determinado momento alcança também o nível social, com o artista romântico colocando-se como porta-voz dos oprimidos e usando seu talento para protestar contra as tiranias e injustiças sociais, ao mesmo tempo em que valoriza a pátria e os elementos que a representam.

Marabá

(Gonçalves Dias)

*este poema é mais um exemplo da capacidade
poética de Gonçalves Dias para dar voz à alma
feminina*

Eu vivo sozinha, ninguém me procura! Acaso feita
Não sou de Tupá! Se algum dentre os homens de mim
não se esconde: — "Tu és", me responde, "Tu és
Marabá!"

- Meus olhos são garços, são cor das safiras,
- Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;
- Imitam as nuvens de um céu anilado,
- As cores imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não fogue a meus passos:
"Teus olhos são garços", Responde anojado, "mas és
Marabá: "Quero antes uns olhos bem pretos,
— É alvo meu rosto da alvura dos lírios,
luzentes, "Uns olhos fulgentes, " Bem pretos, retintos,
— Da cor das areias batidas do mar;
não cor d'anaja!"
— As aves mais brancas, as conchas mais puras
— Não têm mais alvura, não têm mais brilhar.

Se ainda me escuta meus agros delírios: — "És alva de
lírios", Sorrindo responde, "mas és Marabá: "Quero
antes um rosto de jambo corado, "Um rosto crestado
"Do sol do deserto, não flor de cajá."

— Meus loiros cabelos em ondas se anelam,
— O oiro mais puro não tem seu fulgor;
— As brisas nos bosques de os ver se enamoram
— De os ver tão formosos como um beija-flor!

Mas eles respondem: "Teus longos cabelos, "São
loiros, são belos, "Mas são anelados; tu és Marabá:
"Quero antes cabelos, bem lisos, corridos, "Cabelos
compridos, "Não cor d'oiro fino, nem cor d'anajá,

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
A quem nas direi?
O ramo d'acácia na frente de um homem Jamais
cingirei:

Jamais um guerreiro da minha arazóia
Me desprenderá:
Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,
Que sou Marabá!

Análise do Poema Marabá de Gonçalves Dias

No poema Marabá de Gonçalves Dias, é possível perceber a presença marcante do Romantismo. Essa presença é logo apresentada no tema geral do poema: "amor-melancolia; amor-deseespero; amor-desilusão". É em torno do embate entre Marabá e os guerreiros que se dá esse amor desiludido. Outra característica se apresenta na construção das personagem Marabá (índia mestiça) em oposição a índia verdadeiramente brasileira. Ora, é sabedor que o índio constitui elemento singular em nossa literatura romântica. Seus traços brasileiros ganharam tanta conotação que embora Marabá seja, apesar de mestiça, bonita, ainda sim é rejeitada pois não se enquadra na descrição do indígena transplantado para a nossa literatura.

Olhos Verdes

(Gonçalves Dias)

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos cor de esperança
Uns olhos por que morri;
Que, ai de mi! Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
Iguais na forma e na cor,
Têm luz mais branda e mais forte.
Diz uma - vida, outra - morte;
Uma - loucura, outra - amor.
Mas, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo Depois que os vi!

São verdes da cor do prado,
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflamam,
Tão meigamente derramam
Fogo e luz no coração;
Mas ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós, ó meus amigos,
Se vos perguntam por mim,
Que eu vivo só da lembrança
De uns olhos cor de esperança,
De uns olhos verdes que vi!
Que ai de mim!
Nem já sei qual fiquei sendo Depois que os vi!

Dizei vós: Triste do bardo!
Deixou-se de amor finar!
Viu uns olhos verdes, verdes, uns olhos da cor do mar:
Eram verdes sem esp'rança,
Davam amor sem amar!
Dizei-o vós, meus amigos,
Que ai de mim! Não pertenço mais à vida
Depois que os vi!

Análise do Poema Olhos Verdes

Neste poema, Olhos Verdes- Gonçalves Dias trata dos sentimentos desencadeados no eu lírico ao contemplar os olhos verdes de uma mulher: A lírica amorosa de Gonçalves Dias caracteriza-se por sentimentalismo e por uma concepção eminentemente trágica do amor (amar é chorar, sofrer e morrer). A aproximação de amor e morte , é uma constante na poesia, desde os gregos. Em Olhos Verdes aparecem temas comuns do Romantismo: pessimismo, insatisfação e individualismo, temperados, porém, pelo gosto da norma universalizante e pela dignidade clássica.

Seus Olhos

(Gonçalves Dias)

Seus olhos, tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
Estrelas incertas, que as águas dormentes
Do mar vão ferir;

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Têm meiga expressão,
Mais doce que a brisa, — mais doce que o nauta
De noite cantando, — mais doce que a fruta Quebrando a
solidão,

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
São meigos infantes, gentis, engraçados
Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando
Em jogo infantil,
Inquietos, travessos; — causando tormento,
Com beijos nos pagam a dor de um momento,
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Às vezes luzindo, serenos, tranqüilos,
Às vezes vulcão!

Às vezes, oh! sim, derramam tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes falece,
E os olhos tão meigos, que o pranto humedece
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranqüilo,
Desperta a chorar;
E mudo e sisudo, cismando mil coisas,
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,
Às vezes do céu
Cai doce harmonia duma Harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co'um véu.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos
Da pátria melhor;
Eu amo seus olhos que choram em causa
Um pranto sem dor.

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que falam de amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Eu amo esses olhos que falam de amores
Com tanta paixão

Análise do poema Seus Olhos

O título do poema (“Seus olhos”) chama a atenção do leitor para o principal enfoque do poema: os olhos da amada, que por simbolizarem o espelho da alma, deixam transparecer seus sentimentos. Analisando o poema semanticamente observa-se que o autor explicita um sentimento muito intenso existente dentro dele; fala da amada com muita paixão, muita admiração; qualifica os olhos metaforizando toda a mulher, sua beleza e sua pureza. O poema expressa o amor que o eu-lírico sente pela sua amada. Observando a nona estrofe, notamos que o eu-lírico apenas sente saudades de sua amada, não que ele está com ela. E a descreve da forma como ele a vê, não necessariamente como ela é, característica muito presente no Romantismo, em que o homem idealiza a mulher sem ao menos poder tocá-la. Baseando-se na biografia do autor, atenta-se para o fato de que ele foi apaixonado por uma garota de apenas quatorze anos, chamada Ana Amélia Ferreira do Vale, por isso ele diz que ela era meiga, brincava, saltava, como uma criança em jogos infantis. Mas ao mesmo tempo ele tinha sentimentos que não

eram de crianças, e a via como uma mulher, às vezes serena e
tranqüila, às vezes mais atraente.

Clara

(Casimiro de Abreu)

Não sabes, Clara, que pena
eu teria se — morena
tu fosses em vez de clara!
Talvez... quem sabe... não digo...
mas refletindo comigo
talvez nem tanto te amara!

A tua cor é mimosa,
brilha mais da face a rosa
tem mais graça a boca breve.
O teu sorriso é delírio...
És alva da cor do lírio,
és clara da cor da neve!

A morena é predileta,
mas a clara é do poeta:
assim se pintam arcanjos.
Qualquer, encantos encerra,
mas a morena é da terra
enquanto a clara é dos anjos!

Mulher morena é ardente:
prende o amante demente
nos fios do seu cabelo;
— A clara é sempre mais fria,
mas dá-me licença um dia
que eu vou arder no teu gelo!

A cor morena é bonita,
mas nada, nada te imita
nem mesmo sequer de leve.
— O teu sorriso é delírio...
És alva da cor do lírio,
és clara da cor da neve!

Análise do poema Clara

O eu lírico é apaixonado por uma moça chamada Clara que por sinal é clara na cor. Ele faz comparações entre a mulher clara e a morena, salientando que a morena é quente sexualmente e a mulher clara é fria. Assim como sua amada Clara, mas afirma que um dia vai arder no gelo dela, insinuando um contato sexual..Ele reforça a idéia de que as morenas são bonitas porém a Clara é muito mais bonita. Aqui ele valoriza nesse final, as mulheres de pele branca, cuja representante é Clara.

A Mulher **(Fagundes Varela)**

A mulher sem amor é como o inverno,
Como a luz das antélias no deserto,
Como espinheiro de isoladas fragas,
Como das ondas o caminho incerto.

A mulher sem amor é mancenilha
Das ermas plagas sobre o chão crescida,
Basta-lhe à sombra repousar um' hora
Que seu veneno nos corrompe a vida.

De eivado seio no profundo abismo
Paixões repousam num sudário eterno...
Não há canto nem flor, não há perfumes,
A mulher sem amor é como o inverno.

Su'alma é um alaúde desmontado
Onde embalde o cantor procura um hino;
Flor sem aromas, sensitiva morta,
Batel nas ondas a vagar sem tino.

Mas, se um raio do sol tremendo deixa
Do céu nublado a condensada treva,
A mulher amorosa é mais que um anjo,
É um sopro de Deus que tudo eleva!

Como o árabe ardente e sequioso
Que a tenda deixa pela noite escura
E vai no seio de orvalhado lírio
Lamber a medo a divinal frescura,

O poeta a venera no silêncio,
Bebe o pranto celeste que ela chora,
Ouve-lhe os cantos, lhe perfuma a vida...
- A mulher amorosa é como a aurora.

Análise do poema A Mulher

Fagundes Varela: era apaixonado pelos românticos, lia os poetas nacionais, os franceses e os ingleses. Dessas leituras surgiram as influências que sofreu de Álvares de Azevedo e de Byron. Sempre inquieto e torturado, conseguia refúgio somente junto à Natureza. Por esse motivo, sua poesia contém em contraste, a contemplação da vida rural e urbana, com seus vícios e, por causa deles, a amplificação do sofrimento. Mostra também uma fase com um grande espírito religioso. Por isso tanta inspiração nesse poema, o autor cita a diferença da mulher com amor e sem amor, dando sempre a preferência a mulher amorosa.

Pálida à luz da lâmpada sombria (Alvares de Azevedo)

Pálida À luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! o seio palpitando
Negros olhos as pálpebras abrindo
Formas nuas no leito resvalando

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti - as noites eu velei chorando,
Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!

Análise do soneto Pálida à luz da lâmpada sombria

A estrutura rítmica é regular, apresentando um número de dez sílabas em todos os versos, isto é, um soneto decassílabo. As rimas também apresentam grande regularidade, com uma pequena alteração nas duas últimas estrofes. O primeiro e quarto verso da primeira e segunda estrofe rimam em -ia, enquanto que o segundo e terceiro verso da primeira e segunda estrofe rimam em -ada. Já na penúltima estrofe há o seguinte esquema de rimas em -ando,-indo e ando; enquanto que na última estrofe há o fenômeno inverso se compara à penúltima, -ando fica entreposto a - indo, assinalando a estrutura de rima do terceto em - indo, -ando e -indo. Contudo, o erotismo com o qual a amada é descrita comprova sua existência concreta e até mesmo antagônica se compararmos com as estrofes anteriores, as quais apresentam menos apelo erótico. Um dos traços desse antagonismo é o emprego da figura angelical atribuída à amada, e ao

mesmo tempo a recorrência explícita à sexualidade e ao erotismo.

Biografia Gonçalves Dias

Antônio Gonçalves Dias nasceu em 10 de agosto de 1823, no sítio Boa Vista, em terras de Jatobá (a 14 léguas de Caxias). Morreu aos 41 anos em um naufrágio do navio Ville Bologna, próximo à região do baixo de Atins, na baía de Cumã, município de Guimarães. Advogado de formação, é mais conhecido como poeta e etnógrafo, sendo relevante também para o teatro brasileiro, tendo escrito quatro peças. Teve também atuação importante como jornalista. Nesta área, encontra-se colaboração da sua autoria na Revista Contemporânea de Portugal e Brasil 6 (1859-1865). Era filho de uma união não oficializada entre um comerciante português com uma mestiça, e estudou inicialmente por um ano com o professor José Joaquim de Abreu, quando começou a trabalhar como caixeiro e a tratar da escrituração da loja de seu pai, que faleceu em 1837. Iniciou seus estudos de latim, francês e filosofia em 1835, quando foi matriculado em uma escola particular. Foi estudar na Europa, em Portugal, onde em 1838 terminou os estudos secundários e ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (1840), retornando

em 1845, após bacharelar-se. Mas antes de retornar, ainda em Coimbra, participou dos grupos medievistas da Gazeta Literária e de O Inovador, compartilhando

Biografia Casimiro de Abreu

Casimiro José Marques de Abreu (Silva Jardim, 4 de janeiro de 1839 — Nova Friburgo, 18 de outubro de 1860) foi um poeta brasileiro da segunda geração do romantismo. Filho do fazendeiro português José Joaquim Marques de Abreu¹ e de Luísa Joaquina das Neves, uma fazendeira de Silva Jardim (na época, Capivary), viúva do primeiro casamento. Com José Joaquim ela teve três filhos, embora nunca tenham sido oficialmente casados. Casimiro nasceu na Fazenda da Prata, em Casimiro de Abreu, propriedade herdada por sua mãe em decorrência da morte do seu primeiro marido, de quem não teve filhos.¹ A

localidade onde viveu parte de sua vida, Barra de São João, é hoje distrito do município que leva seu nome, e também chamada "Casimiro de Abreu", em sua homenagem. Recebeu apenas a instrução primária no Instituto Freese, dos onze aos treze anos, em Nova Friburgo, então cidade de maior parte da região serrana do estado do Rio de Janeiro, e para onde convergiam, à época, os adolescentes induzidos pelos pais a se aplicarem aos estudos. Aos treze anos transferiu-se para o Rio de Janeiro para trabalhar

com o pai no comércio. Com ele, embarcou para Portugal em 1853, onde entrou em contato com o meio intelectual e escreveu a maior parte de sua obra.

Biografia Fagundes Varela

Filho do magistrado Emiliano Fagundes Varela e de Emília de Andrade, ambos de ricas famílias fluminenses. Poeta romântico e boêmio inveterado, Fagundes Varela foi um dos maiores expoentes da poesia brasileira, em seu tempo. Tendo ingressado no curso de Direito (e frequentado a Faculdade de Direito de São Paulo e a Faculdade de Direito do Recife), abandonou o curso no quarto ano. Foi a transição entre a segunda e a terceira geração romântica. Diria, reafirmando sua vocação exclusiva para a arte, no poema "Mimosa", na boca duma personagem: "Não sirvo para doutor" ... Casando-se muito novo (aos vinte e um anos) com Alice Guilhermina Luande, filha de dono de um circo, teve um filho que veio a morrer aos três meses. Este fato inspirou-lhe o poema "Cântico do Calvário". Mudou-se para Paris aos 20 anos e voltou aos 27. Casou-se novamente com uma prima - Maria Belisária de Brito Lambert, sendo novamente pai de duas meninas e um menino, também falecido prematuramente. Embriagando-se e escrevendo, faleceu ainda jovem, vivendo à custa do pai, passando boa parte do tempo no campo, seu ambiente

predileto. Fagundes Varela morreu com 33 anos de idade.

Biografia Álvares de Azevedo

Filho de Inácio Manuel Álvares de Azevedo e Maria Luísa Mota Azevedo, passou a infância no Rio de Janeiro, onde iniciou seus estudos. Voltou a São Paulo, em 1847, para estudar na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde, desde logo, ganhou fama por brilhantes e precoces produções literárias. Destacou-se pela facilidade de aprender línguas e pelo espírito jovial e sentimental.⁴ Durante o curso de Direito traduziu o quinto ato de Otelo, de Shakespeare; traduziu Parisina, de Lord Byron; fundou a revista da Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano (1849); fez parte da Sociedade Epicureia; e iniciou o poema épico O Conde Lopo, do qual só restaram fragmentos. Não concluiu o curso, pois foi acometido de uma tuberculose pulmonar nas férias de 1851-52, a qual foi agravada por um tumor na fossa ilíaca, ocasionado por uma queda de cavalo, falecendo aos 20 anos.⁵ A sua obra compreende: Poesias diversas, Poema do Frade, o drama Macário, o romance O Livro de Fra Gondicário, Noite na Taverna, Cartas, vários Ensaios (incluindo "Literatura e civilização em Portugal", "Lucano", "George Sand" e "Jacques Rolla") e Lira dos

vinte anos Suas principais influências são: Lord Byron, Goethe, François-René de Chateaubriand, mas principalmente Alfred de Musset. Figura na antologia do cancionero nacional.

Romantismo

O romantismo foi um movimento artístico, político e filosófico surgido nas últimas décadas do século XVIII na Europa que perdurou por grande parte do século XIX. Caracterizou-se como uma visão de mundo contrária ao racionalismo e ao iluminismo e buscou um nacionalismo que viria a consolidar os estados nacionais na Europa. Inicialmente apenas uma atitude, um estado de espírito, o romantismo toma mais tarde a forma de um movimento, e o espírito romântico passa a designar toda uma visão de mundo centrada no indivíduo. Os autores românticos voltaram-se cada vez mais para si mesmos, retratando o drama humano, amores trágicos, ideais utópicos e desejos de escapismo. Se o século XVIII foi marcado pela objetividade, pelo iluminismo e pela razão, o início do século XIX seria marcado pelo lirismo, pela subjetividade, pela emoção e pelo eu. O termo romântico refere-se ao movimento estético, ou seja, à tendência idealista ou poética de alguém que carece de sentido objetivo. O romantismo é a arte do sonho e fantasia. Valoriza as forças criativas do

indivíduo e da imaginação popular. Opõe-se à arte

equilibrada dos clássicos e baseia-se na inspiração

Conclusão: fugaz dos momentos fortes da vida subjetiva: na fé, no

O romantismo é a arte da vida, é a canção que nunca

sonho, na paixão, na intuição, na saudade, no

cansamos de ouvir, é a moda que nunca envelhece. É

sentimento da natureza e na força das lendas

lindo, como os autores se expressam e falam das

nacionais. mulheres, suas amadas. É incrível como eles tratam

dos sentimentos e ações do dia-a-dia com essa

delicadeza. O romantismo mostra que o amor é a

perfeição dos desejos humanos que hoje são

praticamente ridicularizados pelos que só sentem a

carne e não o desejo inato do amor

Bibliografia:

livro: Português contexto,interlocução e sentido/editora moderna.

sites: www.pt.wikipedia.org

www.google.com